

A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ALINE PIMENTEL BISPO¹

RESUMO

Sabendo que o movimento é inerente à vida e que é na infância que o indivíduo começa a conhecer seu corpo e o limite de seus movimentos, o presente trabalho visou estudar a importância do movimento, principalmente dentro do contexto escolar. Este se manifesta por meio de jogos e brincadeiras nas séries iniciais do aprendizado. Primeiramente, buscou-se teorias que ajudassem a compreender o tema, com isso, foi utilizada uma bibliografia ampla para explorar alguns conceitos como a experiência e a formação nas séries iniciais, dentre os autores que se dedicaram ao tema, utilizou-se os estudos de Larrosa (2002 e 2011), Piaget (1998), Vygotsky (1989), Lopes (2006). Ao final deste trabalho, concluiu-se que os movimentos refletem na formação da criança e em sua posterior vida adulta, por isso, os pais, professores e demais responsáveis pelas crianças precisam estimular o movimento, por meio dos jogos e as brincadeiras, para que o movimento venha a tornar-se um hábito entre as crianças, que com o passar do tempo, tem substituído o movimento pela inércia na frente da televisão ou de jogos eletrônicos.

Palavras-chave: Movimento. Jogos. Brincadeiras

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho almeja fazer uma aproximação teórica ancorados em alguns textos procurando pensar a formação e modos ativos de produzi-la. Se por teoria pudermos pensar e reorganizar à maneira tradicional de ler e escrever sobre as novas práticas (AZEVEDO, 2014). Para Jorge Larrosa, teoria “é algo assim como reorganizar uma biblioteca, colocar alguns textos junto a outros, com os quais não têm aparentemente nada a ver, e produzir, assim, um novo efeito de sentido” (1994, p. 60). Estes textos nos ajudaram a pensar algumas práticas educativas infantil e através delas ensaiar a possível fecundidade de tais associações. Na perspectiva que desenvolvemos, a formação é entendida como um processo amplo e intrínseco à constituição das subjetividades, envolvendo diversos aspectos, como o cultural, o acadêmico, o ético, entre outros. Apresentaremos aproximações teóricas com a noção de experiência Larrosa (2002) e sua contribuição para se pensar a formação, aqui entendida como um devir plural e criativo.

¹ *Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina, especialização em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá – Ribeirão Preto, SP; sob assessoria de UNEP São José, em São José dos Pinhais, PR. Orientador: prof^{ra} Carolina Donega Bernardes. Contato autora: aline_pbispo@hotmail.com.*

O contexto social onde se fixara a chave de nossa situação problema encontra-se entre as escolas tanto pública quanto privadas das grandes metrópoles brasileiras do século XXI. É comum percebermos que ansiando oferecer uma atmosfera de suposta ordem e harmonia, algumas práticas educativas parecem não se questionar sobre como tais práticas pedagógicas suprimem o movimento, impondo às crianças desde a mais tenra idade rígidas restrições em suas posturas². Contudo, o movimento humano é mais que um simples deslocamento do corpo no espaço e tempo, constitui-se entre outras coisas uma complexa linguagem que permite às crianças agirem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de um teor expressivo.

As interações das crianças com as outras crianças iniciam às práticas de relacionar-se com o outro. Produzidas por subjetividades pueris essas a expressões corporais iminentes ao sujeito tem importantes relações com a formação permanecendo sujeito em seu corpo². Expressões e movimentos destacam-se pelo importante fator, na relação com o outro, a aparência do sujeito no início de em formação.

O tema corpo-expressão e movimento vem sendo despertando o interesses de pesquisadores das mais diversas esferas do conhecimento. Desde a tradicional medicina, passando pelas as ciências biológicas como a educação física e a fisioterapia, esteticamente interessa as ciências sociais e humanas se confundindo com as exatas física e a química a partir das engenharias principalmente a de produção pós modernas. Tanto na arquitetura quanto na moda, os desenhos sob medida estimulam a criatividade dos *designers* esquecendo o imenso mercado tecnológico. Azevedo (2014) denuncia a separação produzida no mundo moderno entre conhecimento e a vida, e a mercantilização do conhecimento. Larrosa busca reconectar vida e conhecimento. O saber da experiência é aquele adquirido no modo como um sujeito responde ao que lhe acontece ao longo da vida e dá sentido a isso. Não é tanto voltado para a verdade, mas para uma perspectiva possível, “no saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do

2

A importância do corpo e do movimento para a aprendizagem das crianças Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrit_00_83dbadf3948d84828ee5c9a543a154b0.pdf - http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrit_00_83dbadf39}

sem-sentido do que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 27).

O movimento das crianças nos permite estudar as melhores praticas para serem desenvolvidas em sala de aula. Estudar os movimentos adultos faz sentido a partir do momento que assumimos que o adulto não é nada mais que uma projeção de sua infância e os movimentos da pessoa adulta são projeções dos movimentos infantis.

2 A VELOCIDADE DOS MOVIMENTOS

Pensar o movimento tem despertado a atenção de estudiosos em todas as épocas da história. Um dos primeiros homens a escrever sobre o assunto foi Aristóteles, que pensava os corpos celestes no Universo possuíam almas, intelectos divinos eram guiados ao longo das suas viagens, sendo portanto estes responsáveis pelo movimento do mesmo. Existiria, então, uma última e imutável divindade, responsável pelo movimento de todos os outros seres, uma fonte universal de movimento, que seria, no entanto, imóvel. Todos os corpos se deslocavam em função do que o filosofo chamava de “amor”, o qual movia o Sol e as primeiras estrelas. Aristóteles jamais relacionou o movimento dos corpos no Universo com o movimento dos corpos da terrestres. E a pesar Galileu ter comprovado que a natureza que movimenta o cosmos é única foi Isack Newton que formulou as leis o movimento.

Tomamos como movimento de um corpo um deslocamento no espaço em um intervalo de tempo. Isack Newton, pai da mecânica classe, enuncia as três leis do movimentos e foi a partir desse que é considerado o primeiro físicos, puderam desenvolver os estudo do movimento dos corpos, tornando-se capazes de descrever trajetórias através de funções matemáticas. O movimento descrito por objetos com velocidade constante em uma trajetória retilínea obedecem a primeira lei de Newton. Porém é pela segunda definição a fonte de sua genialidade. No momento em que a sua velocidade não é mais constante adquiri uma aceleração, e é essa a razão do movimento.

Apesar dessa descrição ser puramente matemática o conceito de força é tão fundamental que penetra muitas áreas do conhecimento humano. Ainda da segunda lei, sabemos que um corpo só sai do seu estado de inércia se estiver exposto a alguma força. Porém, o conceito força depende de sua natureza, física, química,

subjetiva, coletiva, entre outras.

Através de observações, percebemos que crianças nos anos iniciais de sua formação tem como referencia adultos próximos (pais, amigos, professores) e tendem a repetir seus movimentos e até pensar de maneira semelhante. Naturalmente a natureza da força que os move essas pessoas ainda em formação não é de natureza subjetiva, o que amplificando a importância da velocidade do movimento de sua referencia. Assim sendo, entendemos a importância que tem as instituições de educação infantil, favorecendo um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e ao mesmo tempo seguras para desenvolver sua subjetividade em situações planejadas especialmente para trabalhar a motricidade.

Percebemos que o conceito fundamental para o movimento é a força. Mas outro conceito indispensável a ser entendido é o tempo. Através dele podemos aumentar ou diminuir a velocidade do movimento. Larossa (2002) aponta que um inimigo da experiência é a falta de tempo. A velocidade com que vivemos torna a experiência rara. Somos estimulados constantemente, substituindo-se um estímulo por outro, de modo quase instantâneo, fascinados pelas novidades, sem tempo para que as coisas nos afetem.

No espaço escolar também estamos cada vez mais acelerados, sem o tempo necessário para que nos deixemos afetar pela alteridade (AZEVEDO, 2014). A experiência é uma possibilidade de que algo nos aconteça. Exige um gesto de interrupção, muito difícil nos dias atuais: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002). Conceitos difíceis que serem muito melhor entendidos se inclinados a calma ao invés da tempestade em suas primeiras atividades. Já dai se percebe a influencia do movimento das referencias para as crianças.

Todas as atividades aceleradas. Se tomamos o termo aceleração como o aumento na velocidade por unidade de tempo, à função constante nos mostra que não possui nenhuma derivada ou ponto de inflexão que nos mostre um limite. Consumimos livros, obras de arte, sabemos muitas coisas, sem que isso nos

transforme, nos provoque mudanças. “A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 21).

3 O MOVIMENTO NOS JOGOS E NAS BRINCADEIRAS

Outro autor que nos ajuda a pensar o movimento das crianças é Piaget. Ele classificou os jogos e exercícios sensório-motores, que semelhante as brincadeiras que consistem na repetição de movimentos simples (correr, pular, agitar os braços) durante a brincadeira, consistem em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos, procurando assimilar a realidade, como a existência de um conjunto de regras impostas pelo grupo. Uma estrutura lógica baseada nas regras para que o jogo tenha um objetivo e que qualquer participante possa alcançá-lo.

Jogos de regra, neles existem o prazer dos exercícios, lúdico do simbolismo, a alegria do domínio de categorias espaciais e temporais; os limites que as regras determinam, a socialização de condutas que caracteriza a vida adulta. (PIAGET, 1978, p: 78)

Por intermédio das brincadeiras a criança reproduz situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação, são reelaboradas. Para o autor, a combinação das experiências reais com as das possibilidades interpretadas pelas crianças, são resignadas pelas múltiplas subjetividades. A brincadeira é temporal, apenas as crianças podem brincar como crianças.

Brincar se faz essencial à saúde física, emocional e intelectual do ser humano. Brincar é coisa séria, na brincadeira não há trapaça, pois não há vontade de trapacear, há sinceridade pois ela proporciona sucesso, por isso e engajamento voluntário e sincera doação. Brincando nos reequilibramos, reciclamos nossas emoções e nossa necessidade de conhecer e reinventar. E tudo isso auxilia no desenvolvimento do princípio da atenção, concentração e muitas outras habilidades. É brincando que a criança mergulha descobre a vida, sentindo-a na dimensão de suas possibilidades e percebendo que seu referencial é apenas mais um dentre os infinitos outros. No espaço criado pela brincadeira nessa aparente fantasia acontece a criança se expressa a partir de uma realidade interior que pode estar bloqueada pela necessidade de ajustamento às expectativas sociais e familiares (VYGOTSKY, 1989, p.67). A brincadeira quando espontânea proporciona a transmissão dos significados que fixam as situações lições.

Os jogos quando bem desenvolvidos em sala de aula deixam marcas na criança. Por muitas vezes essas marcas são cicatrizes no corpo ou em sua subjetividade, seja como for essas marcas que são levadas pelo adolescente em formação fará lembrar-se da brincadeira na infância. Kishimoto (2000) destaca que em umas algumas manifestações da criança podem ser provocadas pela atividade planejada pelo professor. Para isso há de se simular um ambiente, uma situação, um problema ou acontecimento imaginários capaz de incorporar a criança num ambiente onde permaneça agradável. Estes ambientes propiciam confiança para que as o objetivo seja alcançado. É importante que o objetivo não seja alcançado nas primeiras tentativas, o muitos jogos chegaram ao fim antes que a brincadeira possa começar realmente. Para que se alcance o acerto objetivo, o jogo deve desafiar o jogador, fazendo assim com que a criança se movimente muito antes de concluir o objetivo. O brincar é essencial para o aluno, pois estimula a inteligência, o pensar, o adaptar-se às regras do jogo, a imaginação, criatividade, concentração e atenção, favorecendo a formação e amadurecimento da motricidade infantil.

Ao permitir a manifestação do imaginário infantil, por meio de objetos simbólicos dispostos intencionalmente, a função pedagógica subsidia o desenvolvimento integral da criança. Neste sentido, qualquer jogo [...], desde que respeite a natureza do ato lúdico, apresenta caráter educativo e pode receber também a denominação geral de educativo. (KISHIMOTO, 2000, p. 22).

Acredita-se que, por meio das brincadeiras, a criança se satisfaça seus interesses imediatos, a brincadeira acaba se tornando uma simulação de uma futura realidade vivida do referencial da própria criança, com a imaturidade que apenas a criança possui. As atividades bem ordenadas influenciam na maneira como a criança vê, reflete, ordena, constrói e interpreta o mundo a sua volta.

Determinado procedimento metodológico produza um “efeito” interessante enquanto é experimentado pelos estudantes e pelos professores sem ter se tornado uma prática recorrente, repetitiva. Ao tentar transformar um procedimento em ferramenta, esta perde sua potência, tornando seu uso exaustivo. Orlandi (2011) aponta que o principal equívoco cometido pelos profissionais da educação é aquele que consiste em “evitar o confronto com a variabilidade caótica através da acomodação do corpo e/ou do espírito a modelos de vida, a modelos de conduta, a modelos conceituais, a modelos científicos, a modelos estéticos e assim por diante”. O autor aponta a acomodação como precursor dos problemas com a educação contemporânea.

Alguns especialistas tentam incansavelmente entender os processos escondidos nas brincadeiras que puderam dar a responsabilidade de diversas habilidades estimuladas através dos movimentos executados nas brincadeiras, dentro e fora de sala de aula. Ao brincar, a criança executa movimentos repetitivos e também aleatórios, em uma ordem pré-determinada ou aleatoriamente, e seu corpo infantil precisa estar preparado para executar cada movimento, caso isso não seja possível há a chance de que a saúde física ou mental da criança esteja comprometida. Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar através de gestos, sons e mais tarde, símbolos e signos, representar determinado papel criando, faz com que ela estimule sua imaginação. Nas brincadeiras, as crianças desenvolvem capacidades tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. “Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais”. (LOPES, 2006, p: 110)

A capacidade de brincar pressupõe um para resolução dos problemas. Ainda que esse problema tenha sido causado propositalmente a partir da brincadeira em questão. A brincadeira mais que uma mera satisfação de desejos instantâneos, evidenciam e estimulam habilidades motoras que não podem ser descobertas de outra maneira. A criança que se movimenta e que brinca exercita sua imaginação, sua criatividade, socializa-se, interage, reequilibra-se, recicla suas emoções, sua necessidade de conhecer e reinventar, assim constrói seus conhecimentos e evolui cognitivamente. O brincar é o fazer em si, um fazer que requer tempo e espaço próprios; um fazer que se constitui um bem universal, pois facilita o crescimento, conduz aos relacionamentos amigáveis e facilita a comunicação.

O espaço da brincadeira se revelou privilegiado, repleto de possibilidades para os devires, para as experiências transformadoras. Durante as brincadeiras, as crianças constroem modos de ser, produções que permitem um para além do “real”, vivido, experimentado. De acordo com Benjamin (1984) pensamos que diante dos “restos”, fragmentos de diferentes experiências “já vividas”, as crianças criam, durante as brincadeiras, uma nova relação, entre elas, e com o mundo. Inventam, compõem, jogam, agenciam, criam as suas formas de ser-ações que substituem as ideias já prontas, evitam a reprodução, ou imitação, de um outro mundo que não

lhes pertence. Conhecem o mundo experimentando. Há um movimento no brincar que é o próprio movimento da vida a se constituir. A vida: “um êxtase” no domínio infantil.

Identificamos a necessidade de aprofundar os estudos do tema “brincar como experiência”, e o ambiente escolar campo de possível realização de um trabalho que propõe a construção do brincar. Os acontecimentos pretendem se mover pelo campo da educação, entre os movimentos e as brincadeiras da infâncias e as linguagens que compartilham. Buscando focar na visão que as crianças tem sobre as brincadeiras através da produção de processos narrativos. Há um movimento no brincar que é o próprio movimento da vida a se constituir. A vida: um êxtase no domínio infantil. Este movimento faz as formas se perderem, “o olhar ‘adulto’ desaparecer; o que era sólido, pesado, faz flutuar. Quando cessa, provoca insegurança – por isso, talvez, haveria nas brincadeiras um desejo de não terminar, de sempre continuar brincando” (ZANFELICE, 2006).

Piaget (1998) diz que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança sendo por isso, indispensável à prática educativa. Também faz um comparativo, como se brincadeira para a criança fosse o trabalho para o adulto. Nesta escala, os objetos, a natureza, as relações sociais e a vida, constroem o sonho. A diferença entre elas está na finalidade, pois a criança brinca insistentemente porque gosta e como se atendessem uma exigência intrínseca ao seu ser; o adulto trabalha porque precisa, pois este é o meio de seu sustento, podendo ser prazeroso. Os jogos projetam para as crianças a vida adulta. Os movimentos executados na infância são movimentos simples de fácil assimilação para que gradualmente sejam substituídos por movimentos e rotinas mais complexas entediadas mas que podem ser substituídas por afazeres agradáveis. Para isso os pais e a escola é responsável pela educação do corpo e dos movimentos da criança, para que não herde problemas com seu próprio corpo em sua vida adulta.

Jogos de regra, neles existem o prazer dos exercícios, lúdico do simbolismo, a alegria do domínio de categorias espaciais e temporais; os limites que as regras determinam, a socialização de condutas que caracteriza a vida adulta. (PIAGET, 1978, p: 78)

Como apontado anteriormente, observamos que as crianças, durante as brincadeiras, criam relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo, transformando as pessoas e os espaços à sua volta e sua subjetividade dentro de si.

Todos os especialistas convergem na ideia que diz respeito a importância da brincadeira e do movimento na infância. Através do contato forjado com o mundo real é que a criança tem suas primeiras relações com o mundo os outros e com si mesmo.

Pais e educadores que respeitam a necessidade da criança de brincar estão construindo, portanto, os alicerces de uma adolescência mais tranquila, ao criar condições de expressão e comunicação dos próprios sentimentos e visão de mundo. (OLIVEIRA, 2000, p. 8)

4 AS CRIANÇAS E SEUS CORPOS

Antes de iniciarmos esta exploração sobre as potencialidades das brincadeiras desenvolvidas não só dentro como também fora da sala de aula, podemos antecipar que é parte integrante do desenvolvimento subjetivo e de como enfrentam as situações que ainda surgiram. Evidenciar a brincadeira como experiência através dos “processos narrativos produzidos pelas próprias crianças contribuem para melhor compreensão das relações que se estabelecem entre as crianças e a invenção de mundos e modos de ser.(ZANFELICE, 2010). Vayer (1984, apud, ASSUNSSÃO, 2010), afirma que a criança conhece o mundo em que vive através de seu corpo e para isso, é importante que ela tenha consciência e controle de seu próprio corpo.

A criança começa a conhecer o próprio corpo desde as primeiras horas de vida. Mesmo dentro da barriga da mãe a percepção através do tato é o que possibilita a interação, primeiramente com a mãe (que faz o papel do outro), e depois em contato consigo mesmo. Damos muita importância às mãos como principal instrumento para conhecer o mundo através das células nervosas mais externas, mas é importante que todo o corpo da criança esta coberto por tipos semelhantes destas mesmas células. O movimento e o contato estimulam as células nervosas provocando as mais diversas sensações. O movimento pode ser usado pelo professor como ferramenta para que o aluno lembre de um conceito ou de uma atividade desenvolvida. Até mesmo recordando situações de um passado próximo da criança. O professor deve ter consciência dos desafios encontrados durante o processo de aprendizagem e por isso, resgatar as lacunas deixadas no desenvolvimento da consciência corporal, lateralidade e noções de espaço temporal, são aspectos que o educador terá que propor de forma lúdica e descontraída. (ASSUNSSÃO; 2000).

Além do contato com o espaço e com tudo o que está à sua volta, o corpo inevitavelmente estará em contato com outras pessoas que estão dividindo o mesmo ambiente. Surge oportunidades de ampliar seus horizontes e compartilhar de sua subjetividade. Muitas das instituições de ensino básico brasileiro se preocupam em fazer com que as primeiras interações das crianças com o mundo seja de maneira harmoniosa e pacífica e planejada. No entanto nem sempre é possível simular tal situação sendo necessária muitas vezes improvisar nas situações fora de controle.

Toda criança, ou a maior parte delas, nesse contexto que procuramos trabalhar, passam por algumas fases da vida, iniciada em uma infância marcada satisfação de todos os seus desejos mais instantâneos e em curto prazo. O choro do filhote esta é o meio de comunicação mais antigo com a mãe, e alerta que algo não esta de acordo com suas vontades. Em alguns casos o choro não é suficiente para conquista a atenção da mãe, então começa um jogo de contorcionismo que só se encerra quando o objetivo é conquistado.

Desde muito cedo a criança aprende a se movimentar de maneira diferenciada toda vez que suas vontades não são atendidas, o que acontece com maior frequência a medida em que cresce. Há um aumento substancial na quantidade e não intensidade dos movimentos executados pelas crianças, quando elas começam a perceber que não vão conseguir tudo que querem apenas sentados chorando. E é geralmente na idade pré-escolar que esse movimentos ganham significados mais complexos do que a linguagem materna. No inicio da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estágio precedente de uma tendência a satisfação imediata desses desejos, o comportamento da criança muda. “Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizáveis e esse mundo é o que chamamos de brinquedo” (VIGOTSKY, 2007, p.108).

Exploremos agora o movimento das mãos mais propriamente ditos. Assunto muito explorado pelos profissionais que dedicam seu tempo e energia em alfabetizar as crianças. Não somente as crianças já que o movimento das mãos é importante também no tratamento de pessoas de todas as idades no tratamento da dificuldade de aprendizado. A alfabetização é um processo que vai além de tradução de símbolos em sons e sons em palavras, além da memorização dos símbolos. Requer um conjunto de estruturas de pensamentos e habilidades psicomotoras que

possibilita a compreensão de natureza conceitual e das formas de representação gráfica da linguagem. “A criança precisa desenvolver coordenação motora ampla, esquema corporal, coordenação viso motora, discriminação visual e auditiva e também orientação tempo-espacial” (RODRIGUES, 2013, p.20). Quando brinca, a criança tem oportunidade de desenvolver todas essas habilidades de forma criativa e divertida, tornando o aprender mais prazeroso e feliz.

Conseguimos observar em nossas crianças uma falta de interesse pelo brincar propriamente dito, as outras possibilidades que alcança lhes parecem mais interessantes. Frequentar ambientes com muitas pessoas lhes agrada como primeira opção; os eletrônicos e a internet lhes proporcionam entretenimento ininterrupto com os jogos intermináveis.

As crianças estão brincando cada vez menos por inúmeras razões, uma delas é o amadurecimento precoce através da antecipação da puberdade e a redução maciça dos espaços físicos e do tempo de brincar, ou seja, o excesso de atividades atribuídas. Tudo isso toma o tempo das crianças e, e o tempo que dispõem livres muitas vezes preferem ficarem horas na frente da televisão, Jogando seus videogames e rodeado de brinquedos eletrônicos. São obrigadas a terem rotinas sociais incompatíveis com a idade das crianças. As poucas atividades que lhes restam estão determinadas pelo próprio brinquedo, que fazem quase tudo pelas crianças, movimentam-se e até falam, sobrando pouco espaço para exploração da criatividade da criança.

Em todo o campo educacional, mas principalmente na Educação Infantil, a vontade de aprender pode levar o aluno do sucesso ao fracasso escolar, sendo os jogos e as brincadeiras lúdicas ferramentas em potencial para estimular a motivação, o instigar, a vontade de aprender que as crianças precisam no ambiente escolar e que por muitas vezes são deixadas em segundo plano e até mesmo não realizadas. Santos (1999) afirma que é senso comum que o a brincadeira está presente em qualquer idade, porém a necessidade de manifestação surge com maior evidência na infância, por isso, os professores precisam e tem a responsabilidade de cultivar e estimular as ações nas suas aulas.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que é o documento que visa guiar e/ou estruturar uma proposta educacional adequada, sugerindo, indicando, orientando a melhor forma de se

seguir pedagogicamente e voltado à Educação Infantil. “Os momentos de jogo e de brincadeira devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato também com temas relacionados ao mundo social e natural.” (RCNEI, 1998, p. 200). Nesse documento, o movimento não apenas está previsto no processo de aprendizagem, como é muito importante no mesmo; por ser tão relevante para o desenvolvimento da criança.

Brincar é muito mais do que uma atividade que propicia diversão às crianças, pois existem outras formas de atividade que também podem ser agradáveis. Há professores que quando querem ensinar determinados conceitos pedem a seus alunos que colemb papéis coloridos, desenharem cruces ou dos dois lados de um quadrado ou de qualquer desenho.

Ao final, acreditam que as crianças assimilaram corretamente estes termos e passam para outros itens que serão treinados repetidas vezes da mesma maneira. Tem convicção que com isto está usando de maneira adequada todos os recursos da psicomotricidade para preparar os alunos para a escrita. Mas são, às vezes, exercícios totalmente desprovidos de significado para as crianças e não são nem precedidos de um trabalho mais amplo de conscientização dos movimentos, de posturas, visando um desenvolvimento mental adequado.

É evidente que os relacionamentos com o outro são estreitamente ligados à atividade motora e sensoriomotora da criança. Como esta atividade permite-lhe reconhecer o mundo das coisas, permite-lhe, da mesma forma, reconhecer o mundo dos outros, diferenciar-se dele, e progressivamente adaptar-se e integrar-se a ele. (VAYER, 1984, p. 22, apud ASSUNÇÃO, 2000, p. 589).

Os jogos e as brincadeiras não só fazem parte de uma técnica baseada metodologicamente como é indispensável para o aumento na intensidade das percepções sensorial. As brincadeiras são o principal estímulo para que os alunos se movimentem e desenvolvam seus corpos. Estas ferramentas ganham agradam professores e alunos. Essas técnicas tem ganhado espaço, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social. Um instrumento pedagógico que também estimula o avaliador da aprendizagem.

Observa-se que Queiroz e Kishimoto estão em consonância com relação à relevância do ato movimento nos jogos e brincadeiras no ambiente escolar, sobretudo na Educação Infantil, por ser um local onde a educação se efetiva estimulando o desenvolvimento, a motricidade, a criança como um todo, ensinando

de modo prazeroso, utilizando para tal de atividades, jogos, brincadeiras e atos lúdicos que visem a evolução, seja de modo individual, seja de modo coletivo – promovendo a socialização e o trabalho em equipe – seja observando as atividades livres ou regradas, analisando e percebendo o que ainda precisa ser trabalhado com os alunos.

A utilização de jogos educacionais no ambiente escolar traz muitas vantagens para o processo de ensino aprendizagem, o jogo é um impulso natural da criança, sendo o motivador da ação. Essa atividade lúdica tem valor educacional pois o aluno sente prazer e realiza um esforço espontâneo e voluntário para atingir o objetivo do jogo, mobilizando assim, esquemas mentais, estímulo de pensamento e estratégias, ordenação de espaço e tempo além dos benefícios na socialização, afetivos, motores, cognitivos e de personalidade. no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (WINNICOTT, 1975, p. 80).

Para Wicicott (1975) o brincar, principalmente no ambiente escolar, é uma terapia, com uma ótica apurada, atentando a tudo o que a criança diz ao brincar, as ações que toma, para identificar algo “estranho” no seu desenvolvimento. Cada ação trás consigo algo significativo, suas opções por brincar sempre sozinha, por que isso ocorre, como o aluno age, ou se brinca sempre no coletivo, qual postura adota, como se comporta, por que, são algumas das análises de observar a criança que ajudam a compreendê-la melhor e, se possível, auxiliar a mesma a desenvolver suas dificuldades.

5 LINGUAGEM CORPORAL

Através dos movimentos individuais e coletivos das crianças é se consegue mapear as possibilidades de uma infância cheia de linguagens, neste caso, linguagem visual através dos movimentos ininterruptos, impulsionados pela energia das crianças saudáveis. Linguagem entendida como acontecimento, lugar da experiência, como inacabamento, devir, e não como lugar da verdade (PELBART, 2007 e LEITE 2002), opondo-se a uma ideia de linguagem como representação ou cópia da realidade, ou ainda, da própria subjetividade dos indivíduos. Larrosa (1994, p. 63) argumenta que nestes casos, espera-se que a linguagem apresente de uma forma repetida, represente, duplique “em um meio exterior o que já estava

apresentado, tornado visível, no interior” (1994, p.66). Mostrando como se movimenta a criança expõe com sua linguagem o que sente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após algumas leituras onde foi possível encontrar vários autores, todos muito proveitosos e enriquecedores no que diz respeito à leitura propriamente dita, chega-se ao final do trabalho com um repertório literário mais amplo, demonstrando a importância do movimento na educação infantil.

Tem-se observado um decrescente quantitativo nas horas destinado as brincadeiras descompromissadas. E as brincadeiras que são praticadas pelas crianças estão intimamente ligadas aos brinquedos automatizados que fazem tudo pela criança, suprimindo sua criatividade tirando a necessidade do pensamento da criança. A indústria de entretenimento é outra responsável por ocupar boa parte do tempo das crianças “amarrando-as” a frente da TV ausentando-se da responsabilidade que a mídia com as crianças.

É papel fundamental do profissional da educação ter o espírito aberto e inovar com as brincadeiras sempre mostrando que há algo que o aluno não saiba, sempre mostrando um mundo à ser explorado. Professores informados principalmente pela importância que tem seu papel na sociedade. Responsabilizar-se em aplicar permanentemente os jogos educativos com efetivo preparo e procurando evitar os improvisos. As brincadeiras em sala de aula fazem estão presentes nos Projetos Políticos Pedagógicos fazendo parte das estratégias dos planos pedagógicos e precisam ser estudados e atualizados constantemente. O improviso mostra que a técnica não foi bem preparada. Os jogos e as brincadeiras são muito usados principalmente para estimular a movimentação dos corpos das crianças, mas não devem ser subestimada sua potencialidade ou usada desregradamente como atividade extra ou substituta.

Sendo a escola um ambiente privilegiado para a formação da criança, precisa prever, estimular e incentivar práticas que movimentem os alunos em seu cotidiano, principalmente por conseguir reunir em um mesmo espaço várias crianças da mesma faixa etária e com o desenvolvimento disforme, podendo essa diferença ser explorada positivamente.

A necessidade de trabalhar os jogos, brincadeiras e atividades lúdicas, principalmente as que estimulam o trabalho em equipe, oferece aos alunos a

oportunidade de desenvolver a si mesmo e também a aprender a trabalhar em equipe, em sociedade, e com isso, evoluir para ser um cidadão atuante em seu meio, ciente de seu papel e preparado para conviver e enfrentar as dificuldades não apenas individuais como as do coletivo também. Por outro lado, o não oferecimento dessas atividades pode originar lacunas em sua formação, deixando sequelas passíveis de serem carregadas pelo indivíduo por toda a vida.

REFERENCIAS

AMARAL, A. T. **O que é Ser Criança e Viver a Infância na Escola: uma análise da transição da educação infantil para o ensino fundamental numa escola municipal de Curitiba.** 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ASSUNÇÃO, I.B.–PUCPR. **A importância do movimento corporal para a aprendizagem em fase inicial.** 2000.

AZEVEDO, M. **Processos experimentais de formação: entre educação, ciências e vídeo.** Dissertação (Mestrado em educação em ciências) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única.** In: **Reflexões: a criança o brinquedo e a educação.** São Paulo: Summus, 1984. p – 77 – 81.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** V. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, I.M. **Dança-educação: o corpo e o movimento no espaço do conhecimento.** Cadernos Cedes, v. 21, n. 53, p. 31-55, 2001.

FREUD, Sigmund. A sexualidade infantil. **Freud S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro (RJ): Imago, p. 117-212, 2002.**

GONÇALVES, F.D. et al. **A promoção da saúde na escola primária.** Interface -. Comunic, Saúde, Educ, v.12, n.24, p.181-92, jan / mar. 2008.

KISHIMOTO, Tizuki Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação.** São Paulo: Cortez, 2000.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 19, jan/abr., p. 20-28, 2002.

_____. **Experiência e alteridade em educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, jul/dez., p. 4-27, 2011.

LOPES, Vanessa Gomes. **Linguagem do Corpo e Movimento**. Curitiba, Pr: FAEL, 2006

MASSCHELEIN, Jan. **Educando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 33, n. 1, jan/jun., p. 35-48, 2008.

OLIVEIRA, Vera Barros de. **O Brincar e a Criança: do nascimento aos seis anos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

RODRIGUES, Lídia da Silva. **Jogos e brincadeiras como ferramentas no processo de aprendizagem lúdica na alfabetização**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Programa de Pós Graduação, 2013.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZANFELICE, C. **Periódico de Divulgação Científica da FALS Ano IV - No VIII- JUN /2010 - ISSN 1982-646X**

ZANFELICE, Camila Cilene. **Cinema de desheróis: matéria de expressão para uma metodologia de pesquisa com crianças**. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo. Rio Claro. 2009.